

O Primeiro Mês da “Guerra Contra o Hamas” no *Fantástico*¹

Rodrigo Castro²
Universidade Federal de Ouro Preto — MG

RESUMO

Este trabalho analisa o primeiro mês da guerra de Israel contra o Hamas na cobertura jornalística do programa dominical *Fantástico*, da Rede Globo, através de imagens que compõem as narrativas das reportagens e o método de análise crítica cultural proposto por Douglas Kellner (2001). A análise evidencia que o orientalismo, conforme definido por Edward Said (2007), reforça estereótipos de árabes violentos e revoltosos, e ainda exerce influência no enfoque do jornalismo acerca do Oriente Médio, principalmente num momento de crise como o desencadeado em outubro de 2023.

PALAVRAS-CHAVE: Palestina; telejornalismo; orientalismo; *Fantástico*; sionismo.

INTRODUÇÃO

Parte do problema atual da incapacidade de orientais falarem por si está nos discursos midiáticos autorizados a falar por eles — ao menos no ocidente (Said, 2007). Veículos como Al Jazeera reequilibraram as forças de representatividade midiática, notadamente a jornalística e principalmente se considerarmos que o canal público jordaniano realiza produção em inglês. No Brasil, ainda somos bastante influenciados e/ou pautados por programas e projetos jornalísticos de grandes empresas privadas, como é o caso do *Fantástico*, da Rede Globo, e das escolhas editoriais que estes veículos fazem, quase sempre alinhadas aos valores liberais que norteiam o jornalismo ocidental: a imparcialidade, a objetividade e a isenção (Moretzsohn, 2007).

A revista eletrônica apresenta os palestinos como sujeitos dignos de direitos dentro de um complexo contexto de um conflito armado, mas tende ao que Edward Said (2007) caracteriza como visão orientalista — todo o conjunto de clichês e estereótipos que associam árabes à violência, revolta injustificada e subdesenvolvimento —, além de manter uma pauta alinhada com o discurso sionista de Israel. Através da análise crítica cultural (Kellner, 2001), buscamos analisar imagens das reportagens do *Fantástico* e como o programa dominical representou o conflito entre as Forças de Defesa de Israel (FDI) e o Hamas desde o dia 7 de outubro de 2023.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Jornalismo Audiovisual, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto, email: rodrigo.forte@aluno.ufop.edu.br

Logo na *Introdução* de seu livro *A cultura da mídia*, Douglas Kellner (2001) delineou a centralidade que o cinema, o rádio e, mais importante para a análise deste trabalho, a televisão ocupam no imaginário da sociedade, notadamente na diferenciação entre um *nós* e os *Outros*. No caso sob análise, o *Fantástico*, inserido na lógica industrial midiática de que fala Kellner, precisa responder, através de construções narrativas, formais, estéticas e editoriais, aos apelos de quem garante o funcionamento do canal; a contraposição à forma como o programa escolhe dar essas respostas é a crítica de suas imagens que busca a materialidade fundamental do que está sendo exposto na TV, conforme preconiza o autor estadunidense, através do que ele chama de “pedagogia crítica da mídia” (p. 424): o processo de aprendizagem do pensamento crítica em relação às “[...] representações e aos discursos da mídia, [...] ressaltando a importância de usar a mídia como modalidade de auto-expressão e ativismo social” (p. 425).

São quatro programas colocados sob esta “pedagogia crítica da mídia”, dos dias 8, 15, 22 e 29 de outubro daquele ano. Ainda que busque se conectar com os valores liberais típicos do jornalismo, é visível um enquadramento de reportagens favoráveis ao Estado de Israel em detrimento da realidade palestina, subjugada por um projeto colonial desde, pelo menos, 1948 (Pappé, 2006; Said, 2012). Acreditamos que, mesmo que consiga esclarecer alguns pontos complexos dessa relação entre Palestina e Israel, o programa falha em retratar os palestinos com uma agenda própria, e sequer toca na questão do sionismo como fator crucial de desestabilização das relações entre os dois territórios.

1. IMAGENS DA COLONIZAÇÃO SIONISTA

Israel foi fundado em 1948, no dia 14 de maio; a ideia de um Estado judeu, contudo, vem do final do século XIX, quando Theodor Herzl realizou o 1º Congresso Sionista na Basileia, Suíça. A Palestina era conveniente no período das Guerras Mundiais: um território em disputa entre os britânicos, franceses e otomanos, ao mesmo tempo que representava a sacralidade das três grandes religiões monoteístas; além disso, era notadamente um lugar associado à fé judaica (El Cheikh, 2022). O dia 15 de maio, por sua vez, é lembrado pelo povo palestino como *al Nakba*, a Catástrofe, quando começou o processo de limpeza étnica e colonização que até hoje — e mais ainda desde 7 de

outubro de 2023 — segue seu curso por parte do Estado Israel, através da ocupação do território palestino em Gaza e na Cisjordânia (Pappé, 2006; Misleh, 2017; Said, 2012).

Este contexto não aparece em nenhuma das reportagens do *Fantástico* durante o mês de outubro; a colonização sionista não é um tema concreto nas edições do programa, que escolheu o dia 7 de outubro de 2023 como uma espécie de marco zero para explicar mais uma complexa etapa na relação entre palestinos e sionistas. A figura 1 traz Paola de Orte, repórter especializada da Rede Globo em assuntos do Oriente Médio, numa Jerusalém esvaziada. Ela entrevista uma israelense, que afirma estar com medo, tal qual toda a população de Israel, e um palestino, que enfatiza a necessidade de um acordo de paz entre seu povo e os israelenses. Antes, porém, é assim que Paola de Orte faz sua passagem: centralizada no quadro, ela divide a atenção na tela com uma poderosa bandeira de Israel. Símbolo nacionalista em toda a sua grandiosidade, ela tremula firme, como um prenúncio da vitória sionista sobre o barbarismo de palestinos que insistem em resistir ao projeto colonial, eliminando a diversidade étnica que compõe o território ocupado por Israel para dar base ao Estado-nação (Butler; Spivak, 2018).

Figura 1 — Paola de Orte e a bandeira de Israel



Fonte: Quadro de reportagem do *Fantástico* do dia 15 de outubro de 2023³

As bandeiras israelenses são uma imagem recorrente nos quatro episódios do *Fantástico*, e quase sempre elas aparecem junto a tanques de guerra blindados do exército sionista (figura 2). O reforço do poderio bélico de Israel não é uma coincidência: cada incursão no território de Gaza concluída com sucesso é um pedaço de terra palestina a

³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12031395/>. Acesso em: 31 jul. 2024.

mais anexada ao território israelense. Este é, afinal, o objetivo real da resposta sionista ao ataque do Hamas: aniquilar e/ou expulsar o que resta da população palestina em Gaza e tomar posse da terra, conforme Pappé (2016, p. 30-37). Misleh (2017) e Said (2007; 2012) também apontam as raízes da colonialidade na ideologia sionista. Ainda assim, o tema “colonização” é pouquíssimo lembrado neste primeiro mês de reportagens do *Fantástico*.

Figura 2 — Bandeiras israelenses



Fonte: Quadro de reportagem do *Fantástico* do dia 15 de outubro de 2023⁴

Outra imagem recorrente nas reportagens foi a dos túneis do Hamas, criados, segundo fontes entrevistadas pelo programa, André Lajst e Harel Chorev, como uma espécie de cidade vertical que se desenvolveu embaixo de Israel (nenhum palestino é entrevistado no *Fantástico*). Para ilustrar, a reportagem recorre a uma imagem de túneis de mais de 10 anos de idade, cedidas pelas FDI (figura 3). A questão “túneis do Hamas” tornou-se um ponto crucial na criação da narrativa que Israel está combatendo o grupo armado e livrando Gaza de sua violência. Cada vez que um míssil do exército israelense atingia uma mesquita, um hospital, uma escola ou algum edifício da ONU, as FDI informavam que túneis do Hamas tinham uma entrada no local.

⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12031395/>. Acesso em: 31 jul. 2024.

Figura 3 — Túneis do Hamas



Fonte: Quadro de reportagem do *Fantástico* do dia 22 de outubro de 2023⁵

O dia 29 de outubro marcou o fim do primeiro mês do *Fantástico* dedicado à cobertura do que se convencionou, no próprio programa, chamar de “guerra de Israel contra o Hamas”. Imagens de Gaza destruída, exibidas reiteradamente ao longo do mês, tomam a tela e dão suporte às reportagens de Paola de Orte, Julia Zaremba e Álvaro Pereira Jr. Essas imagens (figura 4) representam o que Said (2007) identificou como *orientalismo*: a ideia de que o Oriente é sempre atrasado e violento, destinado à destruição. São como profecias autorrealizáveis: sem identificar claramente o que é a causa da aniquilação palestina, só nos resta observar como este povo se destrói a cada dia, principalmente devido à presença da organização terrorista Hamas, de acordo com as fontes entrevistadas pelo *Fantástico*, que corroboram as imagens exibidas pelo programa.

Figura 4 — Gaza devastada

⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12051042/>. Acesso em: 31 jul. 2024



Fonte: quadro de reportagem do *Fantástico* do dia 29 de outubro de 2023⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro mês que o *Fantástico* dedicou à cobertura da “guerra contra o Hamas”, no final das contas, reforçou estereótipos árabes: o Hamas é um grupo terrorista, o islã é a regra do Hamas, são violentos, são numerosos etc. As imagens exibidas pelo *Fantástico* reforçam o que Mondzain (2022, p. 45) chama de “traços da memória colonial”: neste caso, uma memória que evoca, desde sempre, a violência, considerando a forma como se deu a fundação do Estado de Israel através da limpeza étnica de palestinos. Ao buscar retratar o conflito Israel/Palestina a partir de uma marcação temporal datada no dia 7 de outubro, e sempre utilizando o enfoque sugerido (deliberadamente ou não) das FDI, o *Fantástico* é incapaz de retratar o povo palestino como sujeitos de sua própria história; ao contrário, é um povo subjugado pelo governo *radical* e extremista dos muçulmanos do Hamas, o que justificaria a resposta sionista.

⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12070333/>. Acesso em: 31 jul. 2024.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Quem canta o Estado-nação?** Língua, política, pertencimento. Brasília: Editora UnB, 2018.

EL CHEIKH, B. **Quando é a Palestina?** O tempo palestino através da ficção científica de Larissa Sansour. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia.** Bauru: Edusc, 2001.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos.** Jornalismo e cotidiano. Do senso comum ao senso crítico. São Paulo: Revan, 2007.

MISLEH, Soraya. **Al Nakba:** um estudo sobre a catástrofe palestina. São Paulo: Sundermann, 2017.

MONDZAIN, Marie-José. **Confiscação das palavras, das imagens e do tempo:** por uma outra radicalidade. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

PAPPÉ, Ilan. **Dez mitos sobre Israel.** São Paulo: Tabla, 2022.

_____. **A limpeza étnica da Palestina.** São Paulo: Sundermann, 2016.

SAID, Edward. **Orientalismo:** o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **A questão da Palestina.** São Paulo: Ed. Unesp, 2012.